

Café no cemitério

Um dever de amigo me levou ao cemitério para fazer uma visita de despedida a um companheiro, que sem vida, aguardava as providências finais do seu sepultamento.

Afora alguns poucos familiares que já haviam chegado, fui o primeiro dos seus amigos a visitá-lo naquela situação.

Estava no velório na hora que disseram que chegaria o féretro, motivo pelo qual fui um dos primeiros a encontrá-lo. Apresentava-se muito bem como defunto. Bem arrumado, de paletó e gravata e coberto de flores. Estava com uma face boa, de quem estava a dormir. Fiquei ao seu lado por algum tempo, revivendo, somente eu, de muitos momentos de conversas entusiasmadas que tivemos e de alguns planos que muitas vezes fazíamos. Trocamos, eu e eu, algumas confidências.

Pedi a Deus que lhe desse um bom lugar e suave descanso. Pensei, por pouco tempo, nos mistérios da vida e da morte, e, não tive a petulância de me aprofundar nesse assunto de difícil abordagem.

Deixei a sala mortuária e fui para um canto, e me lembrei de tomar algumas providências. Entre elas, providenciar uma coroa de flores para o morto, em nome dos seus amigos. Foi a minha primeira ocupação, tentando também matar o tempo, já que ali era um lugar dos mortos.

Em seguida, perguntei na portaria onde tomar um café e me indicaram um primeiro andar. Servi-me do cafezinho que estava bom e com uma razoável temperatura. Ao pagar, a moça disse que o cafezinho custava seis reais. Achei muito caro, e me pus a comparar com o que, recentemente, havia tomado no Aeroporto. Lá era um pouquinho mais barato. Esse cafezinho custava quase o preço de todo um pacote de café torrado e moído, que se compra nos supermercados. Era mesmo caro.

Fiquei a pensar e comparar. O aeroporto é o lugar onde se embarca, normalmente, por livre e espontânea vontade. Aqui no cemitério não, embarca-se por vontade divina. Talvez seja essa a diferença de preço, e são tão caros nos dois lugares. Um, é local de embarque e desembarque espontâneos, o outro, um embarque para a eternidade.

Adeus meu amigo.

Luiz Barreto
23 de outubro de 2016